

A Enfermaria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães nos Séculos XVIII e XIX

The Infirmary of the Monastery of St. Martin of Tibães the Eighteenth and Nineteenth Centuries

Araújo A.P.¹, Araújo D.²

ARTIGO ORIGINAL | ORIGINAL ARTICLE

RESUMO

Dada a importância histórica da medicina monástica e da farmácia conventual, foi reconstituída a enfermaria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, em Braga, sobretudo através do estudo de dois códices manuscritos do séc. XVIII, sobre gastos da enfermaria, um abrangendo os anos de 1725 a 1750 e outro de 1751 a 1801, designados como Livro da Enfermaria do Mosteiro de Tibães, bem como os códices manuscritos chamados Livros do Depósito (1626-29), Livros das Obras (1758) e Livro das Alfaias (1750-1801). Vocacionada para servir os monges do mosteiro, a qualidade na assistência na doença parece ter sido aqui semelhante à prestada noutras enfermarias nesta época, conventuais ou não, e fora dos grandes centros urbanos. Apesar da pobreza das fontes documentais, esta investigação é um subsídio à compreensão da arte de curar nos séculos XVIII e XIX.

Palavras-chave: Mosteiro de Tibães, enfermaria, medicina conventual

ABSTRACT

In face of the recognized historical importance of monastic Medicine and Pharmacy, it was studied the infirmary of the Monastery of S. Martinho de Tibães, in Braga, mainly through the study of two manuscript codices of the eighteenth century, designated as Livro da Enfermaria do Mosteiro de Tibães, and the manuscript codices called Livros do Depósito (1626-29), Livros das Obras (1758) and Livro das Alfaias (1750-1801). Dedicated to serve the monks of the monastery, the quality of care seems to have been similar to that provided in other infirmaries at that time, monastic or not, outside major urban centres. Despite the poverty of documentary sources, this research is a subsidy to the understanding of the healing art in the eighteenth and nineteenth centuries.

Keywords: Tibães Monastery, infirmary, monastic medicine

¹ Doutoranda da U. Minho. Membro CITCEM

² Médico pneumologista, CHAA, S. Pneumologia

Autor para correspondência: Duarte Araújo; duartearaujodr@sapo.pt

Submetido/Submitted: 10 janeiro 2016 | Aceite/Accepted: 23 fevereiro 2016

INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XI surgem os primeiros mosteiros beneditinos na região de Entre-Douro-e-Minho. O Mosteiro de S. Martinho de Tibães situa-se na região do Baixo Minho, a 6 quilómetros da cidade de Braga e perto da margem esquerda do rio Cavado e foi Casa-mãe da *Congregação dos Monges Negros de São Bento dos Reinos de Portugal*. A Idade Moderna representou a fase de maior pujança da Ordem Beneditina em Portugal, e também do Mosteiro de Tibães. A botica conventual, até ao séc. XVIII, foi de reconhecida importância para estas instituições, servindo a comunidade monástica e a população necessitada que recorria ao mosteiro, mas a enfermaria estava reservada aos monges do mosteiro, ou a outros frades da mesma ordem, que eventualmente adoecessem aquando de alguma visita ao mosteiro, o que era também o caso no Mosteiro de Tibães. Pretendemos descrever aqui o modo como funcionava a enfermaria, o espaço físico, o material que dispunha e os profissionais de saúde que aí prestavam serviço, e os textos chave que permitiram alicerçar este trabalho foram dois códices manuscritos do séc. XVIII, sobre gastos de enfermaria, um abrangendo os anos de 1725 a 1750 e outro de 1751 a 1801, *designados como Livro da Enfermaria do Mosteiro de Tibães, bem como os códices manuscritos chamados Livros do Depósito (1626-29), Livros das Obras (1758) e Livro das Alfaias (1750-1801)*.

A ENFERMARIA DO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

A enfermaria deste mosteiro estava situada no primeiro piso, junto ao

claustro do cemitério, e próximo da capela, um piso abaixo da botica, e numa zona central relativamente ao conjunto dos edifícios conventuais, e tinha capacidade para 12 camas, como se depreende da leitura dos *Livros do Depósito (1626-1629)... puseram-se na Enfermaria doze colchões novos*¹. Como era hábito em Tibães, o convento estava frequentemente em obras, sujeito a alterações e melhorias, e a enfermaria não fugia à regra, *facto documentado repetidamente nos Livros das Obras em 1758*²: *Dei para 4 dobradiças para o caixão da Enfermaria, 160 reis, Dei para uma fechadura grande...para o armário da Enfermaria, 3 tostões, (300 reis)*. Ainda no mesmo livro, mas já em 1792, *Dei ao M. Ferreiro da Barroza pelas grades que se puseram na Cella da Enfermaria que pesaram tres arrobas e vinte e sete arrateis e três quartos a 100rs o arrátel, 12.370rs, Dei a Domingos Solha por 2 dias e meio em que assentou e chumbou a grade na Cella da Enfermaria e por 3 e meio na pedreira a 180rs, 1080 rs.*

A reconstituição da enfermaria do Mosteiro de Tibães, durante os séculos XVII e XVIII, apesar de ela já existir antes, desde a Idade Média, é aqui baseada fundamentalmente em dois códices manuscritos de gastos da enfermaria. No entanto, é lícito supor que uma botica terá previamente funcionado como parte integrante da enfermaria, e nesta existiria eventualmente um local de depósito, talvez até um simples armário, onde seriam guardados os medicamentos, inicialmente encomendados de outras boticas. Na descrição dos gastos da enfermaria, a partir de 1725, é referida a aquisição de numerosos drogas, muito antes da existência da botica propriamente dita, e até de acordo com os estatutos da ordem³. Por outro

lado, o *Livro das Alfaias* (1750-1801), relativamente à enfermaria, refere que *tem esta na parede da portaria hú armário, hú contador na cela do enfermeiro para guardar os remedios que manda a ley haja na enfermaria*⁴. Enfermaria e barbearia antecederam a botica, sendo que a primeira acomodaria alguns apetrechos da botica, pelo menos os medicamentos, e, pela análise do *Livro da enfermaria I e II*, antes de 1797 algumas das funções do boticário poderiam ser da responsabilidade do monge enfermeiro. Isto apesar de em 1752 a Congregação ter determinado que os pretendentes ao cargo de boticário tivessem conhecimentos de latim, e que lhes fosse concedido o direito de se dedicarem a tempo inteiro às suas tarefas, sendo dispensados de outros afazeres no mosteiro; e em 1761 manda ainda o Capitulo Geral que nas boticas existisse um livro com os registos relativos à qualidade, quantidade e preços, e que se conferissem as drogas e o movimento das boticas conventuais⁵, o que torna menos provável a existência de um enfermeiro/boticário. Apesar da lista dos conventuais até 1813 não fazer referência a nenhum boticário residente⁶, este podia já existir, antes do espaço *botica* ter sido criado. Esta hipótese ganha ainda mais fundamento ao serem analisados alguns trechos do *Livro da Enfermaria*, datados de 1734, em que é feita a alusão ao novo boticário - *Dey ao boticário Jozeph da Costa pello gasto que se fes the a entrada do nouo boticário cinco mil trezentos, e sincuenta* (fl.184. v). Esta é, no entanto, uma informação única, ao contrário de referências a boticários provenientes de outros mosteiros, nomeadamente do de S.to Tirso, mas que ali se podiam deslocar apenas a

título de consultores, e seguindo as recomendações de Frei José Maria, um dos grandes mentores da farmácia conventual em Portugal e fundador de cinco boticas da Ordem beneditina. A enfermaria dava assistência aos monges do mosteiro, aos pobres, aos peregrinos e a outras gentes que dela necessitassem. Havia também uma albergaria que prestava assistência social, e a este respeito existem repetidas alusões a despesas feitas em prol das populações, tais como *Dei mais para o boeiro e o uilheiro, que se foraõ emplastar a Braga dozentos, e setenta reis* (fl.156), *Dei para asucar Cande que foi para hua mezinha para os olhos agravados do comprador Manuel Dias quarenta reis* (fl.14v), *Dei ao surgiaõ que adestio ao forneiro em hú pleurio que lhe deu em sua caza ao sangrou e vio também sangrar ao liteiro Joze Fernandes em húa queda: seis centos reis* (fl.18), *Dei a hú sangrador que veio sangrar o quinteiro de Mire por estar o nosso de Cabreiros com hua maligna por duas sangrias que fes cento e vinte* (fl.18V), *Dei para duas onças de oleo de achoros para João Carpinteiro para húa ferida que deu na mão cento e oitenta* (fl.1), *Dei ao sangrador por sangradu[sic] hum pobre que deu húa queda na ocaziaõ do fogo duzentos e quarenta reis.* (fl.28v). Relativamente aos utensílios da enfermaria, no *Livro das Alfaias do Mosteiro de São Martinho de Tibães*, reza assim:

(fl.14) *Enfermaria reformada*

Tem esta na parede da portaria hú armário, hú contador na caza do enfermeiro para os remedios que manda a ley haja na enfermaria Hú boticaõ de tirar dentes, e outros para o mesmo efeito

Húa agulha de prata com bainha da mesma Hú estojo de lancetas alguas dellas quebradas Húas balanças com sua cayxa de pao Hú marco de lataõ de meio arrátel

Quatro seringas três de lataõ, e húa de estanho

Hua bacia de lataõ piquena mais duas maiores

Dous ourinoes com seus casifos

Húa comadre de estanho

(fl.14v)

Duas borrachas húa de cobre e outra de lataõ

Dous pratos de estanho para a sangria e quatro couilhetes tudo de estanho

Hú vaso, ou ourinol de estanho

Duas dúzias e meia de ventozas

Dous vidros brancos de botica

Sete vidros piquenos

Quatro garrafas grandes

Quatro mais piquenas

Mais húa piquena com bálsamo proviano

Mais outra com bálsamo catholico

Mais um funil piqueno de folha de flandes

Mais três caixas de pao pintadas com seus servidores

Mais húa sesta para as ventozas

Mais hua caldeirinha de lataõ Hú lambique com vaso de cobre, e Capacete de chumbo

Cum vaso de cobre com duas azas

(fl15)

Seis ataduras

Dous caldeiroes piquenos com duas tapadouras

Tres tinas de tomar banhos duas grandes hua piquena

Hua cadeira de rodas

(fl.70) Enfermaria

Tem esta caza húa estante hum armario _2 mezas húa dellas com gaveta _2 contadores já velhos hum branco de encosto velho 2 caixões. Hum bahu velho

Húa cadeira de rodas _3 poltronas com seus servidores de folha de flandes

2 Caxas com sevidores de barro – 3 ditas velhas

Húa canoa

Húa bacia grande de cobre com tampa de pão

4 bacias de lataõ pequenas e 3 ditas maiores, e húa tampa de ferro e 7 de pao para ellas

2 caldeirões grandes, e hum pequeno

5 seringas d`estanho e húa pequena de marfim

2 comadres d`estanho

2 pratos de folha e duas aparadeiras, e mais húa d`estanho para as sangrias

9 ataduras

10 ventozas

7 garrafas grandes, e 3 pequenas

Húa chocolateira de cobre e húa dita de folha

Húa caldeirinha de cobre com sua tampa

Hum bule de folha, e hum de louça fina

2 escarradeiras d`estanho

Húa borrachinha

Húa borracha de cobre e outra de lataõ

Húa mezinha de comer na cama

Hú lanterna pequena

5 latas, e varios vasos de louça, e algús de folha de flandes já velhos

Húa prensa

A esta fonte manuscrita que acabamos de transcrever, pode juntar-se uma outra, claramente escrita por outra mão, sobre a enfermaria⁷ e que, de seguida, se transcreve; tanto uma como outra nos informam sobre os vários tipos de utensílios usados na higiene, e nas pequenas intervenções cirúrgicas:

Dá-nos o texto conta de um conjunto de utensílios da época, típicos dum espaço onde decorriam pequenas intervenções cirúrgicas, tais como o *botião* (espécie de pinça ou alicate), usado para a extracção de dentes, um *estajo de lancetas alguas dellas quebradas*, *pratos de estanho para a sangria*, *ventozas e sesta para as*

ventozas e, seis ataduras. Estes elementos são nitidamente requisitos duma enfermaria da época, mas o mesmo não se poderá dizer de outros que, muito embora fazendo parte do espólio da mesma, seriam mais próprios da botica, como *Huas balanças com sua cayxa de pao*, (...) *Hu marco de latão de meio arrátel*, (...) *Dous vidros brancos de botica, ou (...) Hù Lambique com vazo de cobre, e capacete de chumbo*. Estas alfaias eram elementos imprescindíveis numa botica, quer para a pesagem dos diversos constituintes que entravam na composição dos medicamentos, quer por permitirem operações de destilação, pelo que antes da instalação da botica, dado o grau de exigência em conhecimentos técnicos e científicos para os utilizar, é lícito pressupor a existência de um boticário a trabalhar na enfermaria, apesar de muitos dos medicamentos virem de outras boticas exteriores ao mosteiro, fossem da ordem ou laicas. Há ainda referência a utensílios usados para a higiene e cuidados⁸, como os urinóis, noutros lados designados como *caixas de pao pintadas com seus servidores* (vasos de noite), *hú cagado*⁹, e ainda *bispote*, e feitos habitualmente em latão ou vidro; também as *aparadeiras* (usadas ainda hoje) para doentes acamados, e as *escarradeiras*; as comadres de estanho eram recipientes onde se colocava água quente, utilizados para aquecer as camas; para o banho eram utilizadas *as tinas de tomar banho e as canoas*.

Relativamente à articulação da enfermaria com boticas, conventuais ou laicas, analisando o texto integral do manuscrito *Livro da enfermaria*¹⁰ é perceptível que, na falta de meios técnicos ou humanos na enfermaria,

esta se articulava com outras, ou recorria a serviços de técnicos mais bem preparados, podendo mesmo os monges deste convento ou as gentes do couto recorrer a serviços prestados por outros conventos ou instituições, a expensas do mosteiro. Leia-se a este propósito - *Dey ao Padre sanchristaõ Frei Manoel da Graça de despezas que fês no Mosteiro do Porto de botica medico, e seu sustento catorze mil seis centos, e nouenta reis* (fl. 185v); - *Dey ao Padre Procurador da Congregação de gastos que fês na doensa de que se curou em Bustello mil noue centos, e sesenta* (fl.149). E ainda *relativamente a quebra de um contrato, - Dey ao boticário Joam Lourenço da Crus Rua das Direitas, que mandou athe os mezes, que deo as medicinas para esta caza, em quanto o não despediraõ, seis mil, sete centos, e vinte reis* (fl. 154). Havia também uma relação comercial intensa entre o mosteiro e a Botica da Companhia de Jesus, assim como com padres boticários externos que vinham observar os doentes da enfermaria do mosteiro de Tibães, facto documentado nos fls. 30 e 30v: *Dei para gastos que fes o Padre boticário quando veio ver os doentes, a este mostr.o mil e seis centos reis, Dei ao Padre boticário, de Sto Thirso, para os seus gastos, por vir chamado para ver os doentes deste mosteiro dois mil quatro centos reis. Relativamente a deslocações de monges a outras localidades, para consultar médicos, nomeadamente ao Porto, Guimarães ou Viana, lê-se no fl.39: Dei para gastos que fizeraõ o Padre Fr. João das Chagas, e o Padre Fr. Manoel da Graça quando foraõ a Guimaraens consultar hum medico três mil e dozentos*.

Relativamente ao abastecimento da enfermaria e da botica, este Mosteiro tinha contratos estabelecidos com determinadas boticas de modo a garantir

o fornecimento de medicamentos, havendo referência a pagamentos trienais ou anuais do convento aos fornecedores. Até 1759, era a Botica da Companhia de Jesus a fornecedora habitual do convento, como é documentado no fl. 154 da seguinte forma: *Somaõ as receitas deste anno de Junho de 1740 athe o fim de Junho de 1741 pello segimento 37074 que abatida, fica liquido dezoito mil quinhentos, e trinta reis que dei ao Boticayro dos Ps Pr da Companhia.* Percebemos, no entanto, que, a partir de 1759, passa a ser a Botica do Carmo a fornecedora oficial do convento, conforme se pode ler no fl.25: *Botica do Carmo em que abatem a metade – Dei para as receitas da Botica do Carmo que principiarão depois do infausto suceso da Companhia abatendo a metade; setenta e tres mil cento e sincoenta.* Nesta nota do escriba consegue-se perceber o ambiente que se viveu num dos episódios mais trágicos da história dos jesuítas em Portugal, a expulsão e perseguição desta Ordem por José de Carvalho e Melo, ministro de D. José, atestada aqui pelo escriba de forma intensa, dada a carga que empresta às palavras *infausto suceso da Companhia*; realmente em Dezembro de 1758 foi iniciado, por ordem do marquês de Pombal, o cerco aos jesuítas em Lisboa e que se repetiu noutras cidades, como Braga: segundo o relator do mosteiro de Tibães, aqueles religiosos *forão cercados a 16 de Fevereiro de 1759*, cerco que durou nove meses. Esta Ordem estava fortemente implementada em Portugal e a influência que exercia nas diversas fações da sociedade era imensa, dado que a sua atividade era muito diversificada, desde a missão ao ensino da catequese, passando pelo sacerdócio, obras de caridade aos presos, visitas aos

hospitais e assistência aos condenados à morte; a todas estas responsabilidades juntava-se também alguma importância na formação académica das gentes de então, o que, aos olhos do Marquês de Pombal, representava um embaraço ao projeto político iluminista e centralizador; em consequência de toda esta moldura política e social, a 3 de setembro de 1759 é lançado um decreto régio com a imposição do exílio geral dos jesuítas. Cessaria nessa altura a convivência dos beneditinos de Tibães com os jesuítas do Colégio de São Paulo, principal centro de formação académica da sociedade bracarense. Consegue-se no entanto perceber que a botica não foi desmantelada, pois segundo a nossa fonte, durante muito tempo, mesmo havendo já um contrato com a botica do Carmo para o abastecimento do convento, eram frequentes as ocasiões em que se providenciava a vinda de medicamentos do “stock” deixado por aquela ordem, como é interessante perceber através das notas deixadas pelos monges responsáveis pelo registo dos gastos da enfermaria, e que passamos a citar: *Dei para seis bollos da quina que receitou o D.or Simão da Silva, e por não ser capas a quina do Carmo mandei a botica que ficou dos P. P. da Companhia para o P.^e P.Fr. João de S.ta Anna dozentos e quarenta.* (fl. 19); *Dei para hú enguento que se fes no boticário que ficou da Companhia por reccar que no Carmo o não faziaõ capasmente pois não provavaõ bem os seus effeitos cento e vinte foi para o noviciado* (fl.19); *Dei para hú lambedor* (remédio de consistência mais espessa que os tradicionais xaropes e que em vez de ser bebido era geralmente lambido pelo enfermo) *que veio da botica da Companhia a razaõ de o não haver na do*

Carmo para o corista Padre Francisco de S.to Thomas cem reis. (fl.19v); Dei para doze papeis de quina e hú óleo de Alacraus que tudo veio junto da botica que ficou da Companhia por ser melhor e quina para o P.^e P.^{or} Fr. João da S. Anna e o P.^e P. fr. Fernando trezentos e oitenta. (fl.19v).

Findo o contrato com a botica da Companhia, foi estabelecido outro com a botica do Carmo que passou a servir de apoio à rotina diária da enfermaria do convento; de tal forma havia uma relação estreita com a mesma, que existem referências constantes de descontos feitos aos monges, e de notas em que só se socorreriam a outras boticas se a botica do Carmo não tivesse no seu armazém os medicamentos requisitados. Essas outras boticas eram a da Conceição, a dos Marianos e a dos Reis, em Braga, uma em S.to Tirso, uma outra em Coimbra, e ainda algumas boticas particulares. São exemplos desta variedade de fornecedores os seguintes extratos: *Dey para hua garrafa de agoa da botica dos Padres da companhia para o Padre companheiro para lançar fora as maleitas qoatro centos e sessenta, (fl. 163) Dey para hua receita para o Padre choronista, que se mandou fazer à botica de StoThirso, dous mil e sete centos reis, (fl. 151); Dey para hum unguento que veyo da Conceyssaõ de Braga para o irmão Corista Fr. Boaventura o qual veyo por duas vezes, hum cruzado novo. (fl.1); Dey para hum garrafa de agoa das maleytas que veyo dos congregados de Braga para Mel Francisco lityeyro, mil e quinhentos e secenta. (fl.1); Dei para hú remédio que veio da botica dos Marianos para P. secretario cento e vinte. (fl.7); Dei para sal armoniaco para hú emplastro de hú corista que se mandou buscar à botica dos Reis. (fl.16).*

Uma outra situação que ocorria com

alguma frequência era a deslocação ao mosteiro de boticários provenientes de outras boticas, nomeadamente de Santo Tirso, para ver doentes e para preparar medicamentos para os enfermos internados na enfermaria. Um dos boticários mais mencionados é Frei José Maria, e é frequente a alusão à compra de leite para seu uso, na elaboração de soros medicamentosos: é de supor que um frade enfermeiro, e isto no período anterior à instalação da botica, necessitasse amiúde da colaboração dum boticário, o que justificaria a presença frequente de Fr. José Maria. São ainda feitas alusões a outros nomes, como os boticários Jozeph da Costa, ou João Luís Moreyra, ou ainda de um certo Joam Lourenço da Cruz, da rua das Direitas, que *foi fornecedor durante longo tempo do mosteiro e que foi despedido.*

Muito embora seja provável ter havido mais do que um boticário no mosteiro, até porque, segundo Afonso Braz, no seu estudo *as Boticas da Congregação de S. Bento em Portugal*, as Constituições de 1590 mandavam que em cada casa houvesse alguma espécie de botica e de drogas ou produtos para socorrer os enfermos, já que os conventos se encontravam fora dos povoados, após a análise do *Catalogo dos Monges Conventuais do Mosteiro de Tibães*, só foi possível encontrar o registo de um frade boticário, o Reverendo P. Fr. Luiz de S. Joaquim.

Para além das boticas de Braga, o mosteiro recebia ainda produtos provenientes de boticas de Coimbra, como folhas de papoila, que muito embora referenciadas no rol de despesas de enfermaria, não apresentam valores consideráveis, o que pressupõe que o seu uso não fosse frequente. A botica

de Santo Tirso era, depois da botica dos jesuítas e da do Carmo, aquela, que fornecia mais medicamentos ao convento, dos quais os mais frequentes eram Água de Inglaterra¹¹ (também chamada de *vinho febrifugo*, e que tinha na sua composição pó de quinaquina, enxofre e “espírito de vinho”) e a quina; esta surge na contabilidade dos gastos da enfermaria com acentuado aumento a partir de 1796, conjuntamente com as folhas de sene, estava-se então no auge das importações de produtos da América Central e do Sul.

Relativamente aos profissionais de saúde, no mosteiro de Tibães há registo de médicos, boticários, cirurgiões, dentistas, algebristas, barbeiros e barbeiros sangradores, e podem ser divididos em dois grupos, conforme pertencentes ou não aos quadros do mosteiro; dos pertencentes ao quadro do mosteiro fazia sempre parte o enfermeiro (de acordo com a própria Regra de São Bento); o boticário, a partir de determinada altura, passou também a integrar o grupo de residentes, facto que explica a ausência do registo das suas remunerações no *Livro da Enfermaria*. Após análise dos diversos documentos que se relacionavam com a enfermaria e a botica, só foi possível encontrar a identificação de um boticário, o Reverendíssimo Padre Fr. Luiz de S. Joaquim, a exercer funções no mosteiro em 1813¹², registo encontrado no “Catálogo dos Monges Conventuais”. A tese da existência de um só boticário no período entre 1816 e 1819 é corroborada por um estudo sobre as Boticas da Congregação de S. Bento de Portugal feito por Miguel Afonso, segundo o qual a obrigatoriedade do registo de todos

os ofícios na Lista de Conventuais e a ausência de referências a nomes de boticários é prova suficiente para dar consistência à existência de apenas um boticário. No entanto, no ano de 1735, há menção a uma despesa feita com a entrada do novo boticário «*Dey ao boticário Jozeph da Costa pello gasto que se fes the a entrada do nouo boticario cinco mil trezentos, e sincuenta*», mas poderia ser apenas um novo fornecedor de drogas, exterior ao mosteiro, e no *Livro do Deposito de 1798 encontramos os seguintes pagamentos: 20 Agosto 1798, demos ao boticario – 14 400 reis; 4 Abril 1799 demos ao boticario – 24 000; 13 Fev. 1800 demos ao Fr. Boticario – 9600; 16 Maio 1800 demos ao Fr. Boticario – 30 000*. Neste mesmo fólio é também descrita, e em separado, a importância destinada aos gastos do enfermeiro, numa clara alusão a duas categorias profissionais diferentes, e o manuscrito *Estados do Mosteiro de Tibaes*, no ano de 1810, no capítulo dedicado ao *Livro da Botica*, é feito o balanço da gestão dos recursos da botica do convento, onde são referidos lucros com remédios vendidos para fora, e não gastos com os mesmos, o que também pressupõe a presença constante de um boticário.

Após a análise do *Livro da Enfermaria (1725 a 1801)* observa-se que a partir de 1798 não houve deslocações de boticários laicos ou de outros conventos ao mosteiro, para assistência aos enfermos, provavelmente porque o mosteiro deixou de ter essa carência, por passar a contar com botica e boticário. A partir desta data o recurso a boticas exteriores ao convento diminuiu muito, aparecendo pontualmente o registo de uma ou outra despesa feitas em boticas de Braga, geralmente na do

Carmo, e uma única vez na dos Reis. Como afirma Aida Mata, os habituais fornecedores do mosteiro viram as suas receitas francamente diminuídas, com a diminuição das encomendas do mosteiro, como é o caso da botica do Carmo, que viu as suas receitas diminuírem de 102\$310 reis no triénio de 1795 /1798 para 3\$565 réis no triénio de 1798/1801¹³.

O cruzamento de dados do *Livro da Enfermaria* e do *Livro do Deposito* permite supor a existência dum boticário do mosteiro muito antes de 1813, mesmo não sendo este referido nas listas conventuais anteriores a essa data, quer tenha sido o R^{do} P^{re} Fr. Luiz de S. Joaquim ou outro. Mas, independentemente do facto de haver ou não outros boticários residentes, para além do mencionado na lista dos conventuais em 1813, até à edificação da botica em 1797, foram vários os boticários fornecedores do mosteiro: P^{re} D. Abade de Coimbra; João Luis Moreira, 1725/34; Jozeph da Costa, 1734; Boticário da Companhia, 1739,1754,1759; Joam Lourenço da Crus,1740; Fr. José Maria,1769, 1772.

Outro grupo de profissionais de saúde, os médicos, eram chamados de fora, quando necessário, conforme mandavam as Constituições «(...) e todas as casas tenham médico assalariado», e todas as casas deveriam ter botica ou boticário «alguma maneira de botica, estilando em seu tempo agoas e tendo azeites, canafistola, e alguns enxaropes, que algum boticário poderá fazer porque as casas que estão fora de povoado em que aja fozido (corrige, físico).». Ainda em relação à assistência médica, o convento tinha um contrato com um médico e um cirurgião, que se renovava periodicamente; no acordo celebrado entre as duas partes

eram estabelecidos os serviços a prestar, e a remuneração a auferir, tal como consta num desses contratos celebrados em 1796 – «*Ajustouse Domingos Jose para curar de medecina e sangrar taõ somente em o Abril do anno de 1796, sendo Rmoo P.P.Fr. Bernardo da Esperança Telles. Com a obrigação de lhe dar este mosteiro por curar de medecina quarenta alqueires de pam e por sangrar des alqueires e seis carros de lenha para curar de sirurgia ficou o mesmo de Braga Antonio joze com o mesmo partido que se costuma dar*». Para além dos médicos contratados havia ainda os que eram consultados esporadicamente, e desses encontramos uma lista considerável, com a menção ao nome e por vezes ao local de onde eram, e onde eram consultados: Braga, hospital de Braga, Barcelos, Sto Tirso e Guimarães.

Um outro grupo frequentemente mencionado no rol de despesas era o dos cirurgiões, que se deslocavam ao mosteiro para tirar dentes, fazer sangrias, tratar luxações, tratar feridas e fazer amputações. O recurso a cirurgiões justificava-se porque o estudo cirúrgico e anatómico, desde logo através da dissecação de cadáveres, era desprezado pelos médicos, que o achavam menos digno da sua condição, sendo por isso executado pelos cirurgiões ou ainda mais frequentemente por auxiliares, pelo que não havia aprendizagem de actos cirúrgicos pelos médicos, sendo que a maioria dos cirurgiões não tinha formação académica nem conhecimentos médicos; no caso do mosteiro de Tibães não há registo do tipo de formação que teriam, apenas dos seus nomes (um tal António Joze era o *cirurgião da casa*) e das datas em que prestaram serviços ao mosteiro, e ocasionalmente da sua

proveniência (Rendufe, Parada de Tibães, Braga e Guimarães).

Os *tira-dentes*, na época, eram indivíduos sem estudos, charlatães que levavam uma vida itinerante, e era frequente vê-los nas feiras e mercados, a trabalhar em barracas ou tendas, e frequentemente estavam também associados a furtos praticados nesses locais, aproveitando o ambiente de tumulto propiciado pelas feiras. Não conseguimos apurar qual a formação dos dentistas ou tira-dentes chamados ao mosteiro, nem tão pouco os seus nomes ou qualquer alusão mais particular a estes agentes de saúde, ao invés do que aconteceu com cirurgiões ou médicos, aos quais, como se viu, até foram por vezes atribuídos certos “mimos” que ficaram registados na contabilidade dos monges.

A executar tarefas da competência do cirurgião havia ainda o sangrador, que era chamado de fora quando necessário, sobretudo para sangrar o doente mas também podia extrair dentes. O termo sangrador usou-se até meados do séc. XIX, e a prestação de serviços por esta classe profissional continuou a ser reconhecido mesmo depois da existência da disciplina de cirurgia na universidade; os conhecimentos eram transmitidos oralmente, e a “ver-fazer”; as autoridades nem sempre conseguiram controlar a actividade destes homens, aos quais faltava frequentemente a necessária licença, situação que era mais grave nas colónias, nomeadamente no Brasil, em que, no séc. XVIII, escravos habilidosos nestas tarefas chegaram mesmo a ser preferidos aos cirurgiões¹⁴. Da disseminação de barbeiros sangradores e cirurgiões não habilitados foram também responsáveis os médicos, ou

por não saberem, ou por não disporem de equipamento apropriado, ou simplesmente por se negarem a efetuar determinados atos que consideravam impróprios do seu estatuto.

No Mosteiro de Tibães também não era usual o escrivão mencionar o nome dos sangradores, existindo apenas menção ao sangrador de Cabreiros, como *o da casa*, e a referência a um outro de nome Manoel Ferreira (1734), mas no entanto era frequente o recurso a este tipo de serviços, que vêm assim referenciados: *Dei a hú sangrador que veio sangrar o quinteiro de Mire por estar o nosso de Cabreiros com hua maligna por duas sangrias que fês cento e vinte (fl.18); Dey hú mimo ao sangrador Manoel Ferreira que veyo ao Padre Prior (...)* (fl.184).

O barbeiro também não fazia parte do quadro interno do mosteiro, havia era um monge designado para cuidar da barbearia. O(s) barbeiro(s) vinha(m) de doze em doze dias ao mosteiro, ou em casos excepcionais, como por alturas de festas ou cerimónias, sempre necessitando de autorização prévia; o barbeiro barbeava, cortava o cabelo, penteava e fazia a tonsura aos monges, mas, aparentemente neste mosteiro, não estaria muito relacionado com os serviços de saúde propriamente ditos, porque em todo o manuscrito só lhe é feita referência apenas uma vez e não é especificado o tipo de prestação que faz «*Dei ao barbeiro cento e vinte reis*». Os barbeiros não tinham qualquer formação, o que motivava o desdém que a classe médica lhes dedicava, intitulado-os ironicamente de “cirurgiões enxertados de barbeiros”, e ridicularizando-os pelo facto de estes, ao decorarem a Pratica de Barbeiro de Manoel Leytão, já se “acharem mais

conhedores da distribuição das veias que o próprio Vesálio”. No entanto no *Livro da Enfermaria* não é feita referência ao barbeiro como principal interveniente durante as sangrias, ficando a dúvida se tal facto se devia às sangrias serem feitas realmente pelos cirurgiões e não pelos “cirurgiões barbeiros” ou se seria apenas uma questão de nomenclatura; provavelmente nem todos os barbeiros estariam capacitados para realizar pequenos trabalhos de cirurgia, como as sangrias, extracção de dentes, aplicação de ventosas e de sanguessugas, daí a referência a contratos com o «sangrador da casa», cujo nome não é referido, mas que era de Cabreiros.

Outros profissionais da arte de curar, mas menos referidos, são os algebristas e os químicos. Os algebristas foram os antecessores dos ortopedistas, e deviam tratar fraturas, luxações e entorses; nesta instituição os tratamentos que eles mais prescreviam eram os emplastos; não era incomum os algebristas serem chamados ao convento, até porque, comparativamente aos honorários de profissionais como sangradores ou até os cirurgiões, as remunerações pagas a estes profissionais eram consideráveis (- *Dey para hum emplastro, para o mosso do rio e para o algebrista que emplastrou dozentos e corenta reis* -fl.190, Livro da Enfermaria). Existe também a menção a um clérigo endireita de Rio Tinto, e referência a um químico que, curiosamente, era estrangeiro, e que veio ao mosteiro para tratar uma doença dos olhos, não sendo referido o tratamento utilizado por este químico (e por muitos outros profissionais de saúde que acorriam ao mosteiro), ao invés do que foi feito no Mosteiro de Santa Maria do Bouro, onde

José Marques transcreve algumas das receitas utilizadas naquele convento, quase todas prescritas por um indivíduo de nome Pereira, ignorando-se no entanto a sua formação¹⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADB, Fundo Monástico Conventual, Conv. e Mosto. Tibães, Livros do Depósito, 538
2. ADB, Fundo Monástico Conventual, Conv. e Mosto. Tibães, Livros das Obras, 463
3. Miguel Pedro Marques Braz Afonso, *As Boticas da Congregação de São Bento de Portugal*, Porto, 1991 (inédito)
4. *Enfermaria Reformada*, Arquivo Mosteiro de Singeverga, Mosteiro de São Martinho de Tibães – Livro das alfaias, cx.17, nº 23
5. Cf. Geraldo Dias, *A botica dos remédios e a sua importância nos Mosteiros Beneditinos. “Presença de Singeverga”*: Roriz: Mosteiro de Singeverga. Ano XXXI, nº8 (Maio - Agosto 20008), pp.20
6. *Estados do Mosteiro de Tibaes e Arca da congregaçam* (180i,1804, 1807, 1810, 1813
7. A.S., *Livro das Alfayas de todas as officinas e quintas deste Mostrode S. Martinho de Tibaens* cx.17, nº 23, 1750 – (1801)
8. Catarina Leal e Manuela Ferreira, *Portugália -Nova Série*, vol. XXVII – XXVIII, 2006 – 2007
9. A. D. B. Conv. e Most. Tibães, *Livro da Enfermaria*, nº 471
10. A.D.B. Conv e Most Tibães, *Livro da Enfermaria*, nº 462
11. Cf. Joam Vigier, *Thesouro apollineo, ou Compendio de Remedios para pobres*

Araújo A.P, Araújo D.

e ricos, Galenico, Chymico, Chirurgico, Pharmaceutico; Lisboa: Off. De Miguel Rodrigues, 1745 (1^a ed. Lisboa, 1714), p. 145

12. A. D. B. Estados do Most. de Tibães e Arca da Congregaçam, 1801/04/07/10/13

13. Cf. Aida Mata, a botica –séc. XVII – XVIII, exposição 24 Out. 3 Jan.

14. <http://www.acdbs.com.br/Institucional/Museuvirtual>

15. José Marques, A botica de Santa Maria de landim-1770, São Cristóvão de Lafões, 2008, pp.53-54.